

VIVIANE DE MELO RESENDE
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil
vivianemelo@unb.br

Análise de Discurso Crítica e Etnografia: ação, representação e identificação no contexto do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Brasília, Brasil

Introdução

O problema da precarização social no contexto do novo capitalismo é uma preocupação transdisciplinar que tem motivado pesquisadores em diversas áreas do conhecimento. A má distribuição de recursos, materiais e simbólicos, e de serviços públicos ultrapassa, nesse sentido, as fronteiras da Economia e da Política para inspirar trabalhos localizados no âmbito da Ciência Social Crítica (CSC), perspectiva científica que visa intervir ativamente na mudança social, assumindo uma postura democrática liberta do mito da neutralidade científica.

A tradição da prática teórica crítica inspira a Teoria Social do Discurso (ADC), perspectiva teórica para o estudo da linguagem na Modernidade Tardia que busca conceitos e categorias na CSC. Essa perspectiva do discurso na sociedade serve, no trabalho ora apresentado, como referencial teórico e metodológico para a análise de dados coletados por meio de um grupo focal, um dos métodos etnográficos para coleta de dados no projeto de doutoramento “Exclusão social e protagonismo juvenil no contexto do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua: uma investigação etnográfico-discursiva”. Apresento uma análise de dados iniciais da referida pesquisa, conduzida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

O trabalho encontra-se dividido em três seções. Na primeira, discuto muito brevemente a perspectiva teórico-metodológica da ADC. Em função da limitação de espaço, a aproximação é um tanto mais superficial que o desejável. Na segunda seção, meu foco volta-se para uma caracterização do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e do grupo focal em questão. Em seguida, apresento a análise de um recorte de gravação etnográfica realizada no âmbito do Movimento, tendo como categoria analítica a interdiscursividade. Por fim, deixo algumas considerações finais.

Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) baseia-se em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social, dialeticamente conectada a outros elementos sociais (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Trata-se de uma proposta que, com amplo escopo de aplicação, constitui modelo teórico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social. Os conceitos centrais da disciplina são os de *discurso* e *prática social*.

A Ciência Social Crítica (CSC) provê à ADC um arcabouço para a compreensão da vida social como constituída de práticas e redes de práticas. Toda prática social é composta de elementos que se articulam e não podem ser reduzidos um ao outro. Essa perspectiva da vida social é recontextualizada do Realismo Crítico de Bhaskar (1989) e do Materialismo Histórico-Geográfico de Harvey (1996).

As práticas são constituídas na vida social, nos domínios da economia, da política e da cultura, incluindo a vida cotidiana. Práticas sociais, em ADC, são caracterizadas pela articulação de quatro elementos: discurso, relações sociais, fenômeno mental (crenças, valores, desejos, ideologias) e atividade material. É importante ressaltar que nessa ontologia se mantém, da teoria de Harvey, a noção essencial de que esses elementos da prática, embora em relação de internalização, não se podem reduzir um ao outro. A ADC, então, deve ocupar-se também das demais dimensões da prática, visto que o discurso as internaliza assim como é internalizado por elas.

É a relação transdisciplinar com a CSC que traz à ADC o foco na dialética, a perspectiva de hegemonias como equilíbrios instáveis, dado o caráter permanentemente aberto das (redes de) práticas. E é esse foco na relação entre estrutura e ação social que permite à ADC uma articulação metodológica com a etnografia (Hammersley, 2005; Resende, 2006). A ADC não focaliza as estruturas sociais como sistemas fechados que interpelam os sujeitos, ou seja, mantém um foco na dialética do discurso – os discursos são constituídos socialmente e também operam na constituição da sociedade.

Neste trabalho, a categoria analítica utilizada é a interdiscursividade. Um mesmo aspecto do mundo pode ser representado em textos segundo diferentes discursos. A heterogeneidade de um texto em termos da articulação de diferentes discursos é chamada interdiscursividade. A análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados (Fairclough, 2003). Diferentes discursos são diferentes construções da realidade, daí a relevância da análise interdiscursiva para se acessar o *significado representacional* em textos. O *significado identificacional*, por sua vez, está relacionado ao conceito de ‘estilo’. Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos. Como o processo de identificação no discurso envolve seus efeitos constitutivos, Fairclough (2003) sugere que a identificação seja compreendida como um processo dialético em que discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções acerca do que se é.

Castells (1999: 23) aponta que toda e qualquer identidade é construída, e para ele a principal questão acerca da construção da identidade é “como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”, uma vez que isso é fundamental para o conteúdo simbólico da identidade. Como a construção da identidade sempre se dá em contextos de poder, Castells propõe três formas de construção da identidade: a *identidade legitimadora* é introduzida por instituições dominantes a fim de legitimar sua dominação; a *identidade de resistência* é

construída por atores em situação desprivilegiada na estrutura de dominação e constitui, portanto, foco de resistência; a *identidade de projeto* é construída quando atores sociais buscam redefinir sua posição na sociedade e constitui recurso para mudança social.

Fairclough (2003: 160), seguindo Archer, distingue os conceitos de 'agentes primários' e 'agentes incorporados'. Em sua experiência no mundo, as pessoas são posicionadas involuntariamente como agentes primários pelo modo como nascem e sobre o qual são impossibilitadas, inicialmente, de operar escolhas – isso inclui as noções de gênero e classe social. A capacidade de agentes sociais transformarem sua condição nesse posicionamento primário depende de sua reflexividade para se transformarem em agentes incorporados capazes de agir coletivamente e de atuar na mudança social.

O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e o grupo focal

O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) busca ampliar o conhecimento de jovens acerca de seus direitos. O foco de ação do Movimento é a conscientização de crianças e adolescentes vítimas de exclusão social, que se encontram em situação de risco devido a sua localização desprivilegiada na distribuição de recursos materiais e simbólicos na sociedade. O conceito de 'meninos e meninas de rua' adotado pelo Movimento, então, é amplo: ultrapassa o senso comum de que pertencem a essa categoria apenas crianças e jovens que vivem nas ruas ou tiram dela seu sustento, para abarcar também crianças e jovens de famílias sócio-economicamente excluídas. Isso porque essas crianças e jovens encontram-se constantemente em situação de risco devido ao contexto de precariedade sócio-econômica em que se inserem.

A organização e a formação de meninos e meninas nessas condições é o projeto essencial do MNMMR. Esse projeto é posto em prática nos núcleos de base onde esses/as jovens "debatem sua condição social de excluídos, adquirem conhecimento e despertam para a consciência de seus direitos, elaborando soluções e alternativa para suas vidas" (MNMMR, 2005). O centro da proposta, pautada no conceito de protagonismo juvenil, é que por meio da participação ativa o adolescente possa envolver-se na solução de problemas reais na comunidade e na sociedade. O que caracteriza o protagonismo é que o/a jovem emerge como fonte de iniciativa, na medida em que é dele/a que parte a ação; de liberdade, uma vez que na raiz de suas ações está uma decisão consciente; e de compromisso, manifesto em sua disposição de responder por seus atos (Costa, 1998).

No Distrito Federal, o MNMMR atua em quatro Núcleos de Base, localizados em quatro cidades satélites de Brasília cuja carência de investimento público é notória, a saber, Samambaia, Recanto das Emas, Ceilândia e Paranoá. Em cada um desses Núcleos de Base, o Movimento mantém oficinas de conscientização e organização de crianças e jovens acerca dos direitos que a Lei lhes assegura, procurando favorecer o pensamento crítico e o protagonismo juvenil. Essas oficinas são organizadas e dirigidas por jovens engajadas com o Movimento, e que foram atendidas pelo MNMMR/ DF durante sua infância e adolescência, tendo se tornado líderes de núcleo na juventude.

Grupo focal define-se como uma técnica de pesquisa que diz respeito à "coleta de dados por meio de interação grupal sobre um tópico determinado pelo pesquisador" (Morgan, 1996: 130). O grupo focal em questão foi realizado em 07 de abril de 2006, na sede do MNMMR em Brasília. Participaram do grupo focal quatro jovens (aqui identificados/as por meio de pseudônimos): Maria, 24 anos, solteira, mãe de duas filhas, ex-menina do Movimento e atualmente coordenadora do Núcleo de Base do MNMMR/ DF em Recanto das Emas, membro do Comitê da Juventude do Comitê de Direitos Humanos; Amanda, 25 anos, casada, mãe de uma filha, ex-menina do Movimento e atualmente coordenadora do Núcleo de Base do MNMMR/ DF em Samambaia; Rafael, 20 anos, solteiro, ex-menino do Movimento, foi jovem infrator, depois passou a viver com sua mãe na periferia de Brasília, em Ceilândia, mas recentemente foi preso por tráfico de drogas e encontra-se em presídio; Alexandre, 16 anos, ex-menino do Movimento e ex-"menino de rua" (viveu na rua dos 11 aos 15 anos), à época da realização do grupo focal vivia com a família em Planaltina de Goiás.

Análise interdiscursiva do recorte do grupo focal

O foco do recorte selecionado para esta análise são as intervenções de Maria e Amanda acerca de seu papel como protagonistas em suas comunidades, em virtude de sua atuação como líderes dos Núcleos de Base de Recanto das Emas e Samambaia respectivamente, pois o interesse deste trabalho é em sua atuação como protagonistas em suas comunidades.

A análise interdiscursiva no texto indica a articulação de três principais discursos: o discurso da pobreza, o discurso do protagonismo juvenil e o discurso neoliberal. O discurso da pobreza representa o espaço das comunidades e a carência de recursos materiais que caracteriza esse espaço. Os trechos do recorte que se referem às comunidades recorrem a esse discurso na representação. Alguns exemplos são destacados em (1):

- (1) Amanda: (...) um tanto de *situação assim inacreditável* que você vê... você vê as pessoas passar fome...
Maria: sabe... você que tá lá na *pobréia*, que vê sua família passando fome, sua mãe doente...

No primeiro excerto destacado, a situação de privação das comunidades é avaliada como sendo "inacreditável". Embora seja uma situação real, vivenciada repetidas vezes ("um tanto", "você vê"), é representada no plano do incrível, do extraordinário. Esse estranhamento resulta no conflito interno experienciado pelas protagonistas, como a análise demonstrará mais adiante.

No segundo excerto do exemplo (1) nota-se uma relexicalização da pobreza: "pobréia". Em minhas observações de campo, várias vezes ouvi essa expressão, nas falas de pessoas relacionadas ao Movimento. Essa relexicalização parece fazer parte de um discurso crítico sobre a pobreza, um discurso que se opõe à visão

romântica de pobreza. É diferente dizer-se que uma pessoa 'é pobre' ou se dizer que 'está na pobreza': quando se diz que uma pessoa é pobre, utiliza-se um processo relacional atributivo, ou seja, a pobreza é representada como uma característica inerente da pessoa, algo que a define, é um atributo; ao contrário, quando se afirma que uma pessoa 'está na pobreza', o processo relacional é circunstancial, o que se atribui à pessoa nesse caso é uma circunstância na qual ela se encontra (Ghio & Fernández, 2005). Estar 'na pobreza' implica estar sujeito às privações que a caracterizam. O espaço da pobreza é representado como um espaço distante: "lá na pobreza" – trata-se de um espaço apartado da realidade do Plano Piloto de Brasília, onde aconteceu a interação. Essa oposição entre o 'lá' e o 'aqui' será retomada na discussão da tensão entre os espaços da ação (do Movimento) e o espaço da estrutura (das comunidades).

Amanda e Maria identificam-se com esse espaço de privação em suas falas. Nos dois trechos, a identificação pode ser percebida por meio do uso de "você" funcionando como pronome indefinido – "você" aqui não significa a segunda pessoa do discurso, o interlocutor, e sim um ator indefinido que "vê as pessoas passar fome" e que se insere na situação de privação. O uso dessa estrutura indefinida é, entretanto, um modo de se referirem a suas próprias experiências nesse espaço e a sua frustração diante do peso da estrutura que cria esse tipo de "situação inacreditável" e que lhes impede, apesar do discurso do protagonismo juvenil, a ação efetiva.

Há, na matriz discursiva analisada, uma preocupação em generalizar a carência, em deixar claro que essa situação não atinge poucas pessoas, mas o conjunto das comunidades, sendo, portanto, a regra e não a exceção. Observem-se os excertos do exemplo (2).

- (2) Maria: Você abre a geladeira da minha casa hoje não é diferente de *todas as casas*, não. Na geladeira da minha casa hoje não tem nada!

Maria: sabe, *não é diferente da minha vida, da do Rafael*. A tia Jú falou do Rafael ontem [a casa do Rafael está há quatro meses sem água], e eu: "pô, não fala não, tia Jú, que dá vontade de chorar!". Sabe? Não pelo fato de ser o Rafael, mas pelo fato de saber que *é muita gente assim...*

Amanda: *é regra! A realidade dele é a de outras famílias...*

Assim, a pobreza é representada como um lugar ("lá na pobreza") que reúne um grande grupo de pessoas, que se espalha por toda a comunidade, um lugar de privação, de angústia e de sofrimento ("dá vontade de chorar"). No segundo trecho do exemplo (2), a identificação de Maria com o lugar da pobreza é explicitada no uso do pronome de primeira pessoa "minha" como modificador do substantivo "vida" – é a sua própria vida e a sua própria experiência que Maria se refere quando trata desse espaço de miséria, compartilhado por muitas outras pessoas: "é muita gente assim". A frustração pela impossibilidade de ação nessa estrutura que pesa sobre sua comunidade é confirmada em "dá vontade de chorar".

Esse sentimento de 'mãos atadas', tão forte na identificação das participantes quanto ao espaço da comunidade, entra em contradição com a identificação do espaço do Movimento como espaço de transformação, de participação e de luta por direitos.

De acordo com o depoimento de Maria e Amanda, é a pobreza que faz surgir o interesse pelo Movimento, é a situação de privação característica do espaço da comunidade que resulta no primeiro interesse pelas atividades desenvolvidas no espaço do Movimento. Alguns exemplos disso estão no exemplo (3), a seguir.

- (3) Amanda: *tem lanche*, aquele monte de menininho buchudo...

Maria: então *a gente vai através do lanche...* aí o que que acontece? *No começo pode ser que você vá através do lanche*, você tá ganhando a passagem, ah, *não vou pagar nada mesmo, não vou gastar nada*, então, né? Mas com o processo, né, que o Movimento desenvolve, aí você vai se interessando, da próxima vez você vai não por causa do lanche, mas sim pela causa mesmo.

De acordo com os excertos, o primeiro atrativo que o MNMMR exerce sobre as crianças e adolescentes da periferia de Brasília está diretamente relacionado à pobreza. Note-se que no primeiro excerto Amanda recorre a um discurso do senso comum sobre a pobreza para caracterizar o público alvo do Movimento – "aquele monte de menininho buchudo" –, enfatizando a precariedade de satisfação das necessidades básicas no espaço da comunidade. Além do atrativo do lanche, em outras conversas durante o período em que fiz observação no campo destacaram-se os passeios – ao Parque da Água Mineral, ao teatro, ao cinema –, as atividades de arte e esporte – montagem de peças de teatro e torneios de futebol – e o acesso a espaços políticos – por ocasião de manifestações públicas, por exemplo no Congresso Nacional – como atrativos essenciais para a adesão ao Movimento.

O segundo trecho em destaque no exemplo (3) sugere a representação de uma delimitação temporal. Maria identifica dois 'tempos' em sua trajetória pessoal: antes de seu engajamento com o MNMMR/ DF ("no começo" – tempo da inconsciência; agente primário) e depois ("com o processo" – tempo da consciência; agente incorporado).

Essa divisão 'antes/ depois' alinha-se com o segundo discurso identificado na amostra: o discurso do protagonismo juvenil. Observem-se os excertos do exemplo (4):

- (4) Maria: e o bom do Movimento é que *ele possibilita*, através do trabalho que ele tem, que entra a questão do protagonismo juvenil, *é através desses espaços do Movimento, é que ele desperta*, ele faz que a gente seja *agentes da nossa própria promoção*, né?

Amanda: é impressionante, aonde que eu iria imaginar que eu seria *representante da minha cidade*, que eu ia ter *uma autonomia* tão grande sobre os meninos que eu tenho hoje.

Maria: ... mas você acaba sendo *referência dentro da sua comunidade*...

O discurso do protagonismo juvenil é articulado na representação do MNMMR/ DF, como no primeiro excerto destacado, em que a ação das jovens como protagonistas aparece atrelada ao trabalho desenvolvido pelo Movimento (“ele desperta”, “ele possibilita”, “ele faz que a gente seja agentes da nossa própria promoção”). O Movimento é representado com responsável pela construção de identidades de projeto/ resistência para seus membros.

Nos outros dois trechos do exemplo (4), o discurso do protagonismo juvenil representa a ação das jovens em suas comunidades. Esse discurso resulta em sua identificação como protagonistas: Amanda identifica-se como “representante” e Maria como “referência”. Isso evidencia a dialética entre os três tipos de significado, pois o discurso do protagonismo, no plano da representação, orienta a ação e a identificação das líderes de Núcleos de Base.

O discurso do protagonismo articula no texto o discurso político, por meio da definição dos espaços de ação social. Maria afirma ser nos espaços políticos que o Movimento age em seu trabalho pela garantia de direitos: “audiência pública, através de seminários, fóruns, encontros, enfim, assembléias”. Além dos espaços políticos, outro aspecto da política citado no trecho em análise é a corrupção. Observe-se o exemplo (5).

- (5) Maria: ... e esse povo não vai parar de ser corrupto e esse sistema não vai parar porque esse Brasil foi feito pra isso, né, um país de exploração mesmo.

Nesse trecho em que Maria reflete sobre o resultado de sua ação, denotando a contradição entre o discurso do protagonismo e a possibilidade de ação concreta, ela lança mão de um discurso muito forte sobre a política brasileira: a corrupção do sistema político. Maria internaliza o senso comum acerca da corrupção política no Brasil como um problema generalizado e sem solução, e busca no discurso da história a justificativa para o sistema: “um país de exploração”. O discurso da história é articulado ao discurso da corrupção em uma oração encaixada de valor causal, com alta afinidade expressa em “mesmo”. A corrupção é reificada pela eternalização da história colonial do Brasil (Thompson, 1995).

O protagonismo juvenil e os espaços políticos de ação social entram em conflito no trecho em que Maria narra sua experiência em uma reunião da Comissão de Direitos Humanos contra o tráfico de seres humanos. O trecho está transcrito no exemplo (6).

- (6) Maria: ... igual antes de ontem eu tava naquele *Lake Side* [um hotel, em um encontro sobre o tráfico de seres humanos, onde a Maria foi pra tentar fazer uma articulação política para conseguir recurso para ir ao Fórum Social Brasileiro, no fim do mês em Recife]. Cara, eu sentada na mesa e eu fiquei assim olhando pr’as pessoas que tavam lá e pensando “pô, eu sou a única pobre dessa mesa! Eu sou a única que na minha casa você vai lá, e não tem nada pra comer”. Eu pensei mesmo, sabe. E foi me dando uma indignação! (...) E, gente, tratando de inclusão social, sabe, tratando do problema de tráfico de seres humanos por causa da desigualdade social e sendo que eles ganham 16 mil, acho que o mais pouco que ganhava ali era 10 mil por mês. Pô, que sistema é esse? Sabe? E eu sem ganhar nada, velho!

Assim como há uma divisão temporal entre os períodos anterior e posterior ao engajamento das jovens com o Movimento, há também a identificação de dois ‘espaços’ em oposição: o espaço da comunidade (da miséria e da estrutura) e o espaço do Movimento (da mudança e da ação). Ao mesmo tempo em que o acesso a espaços políticos é celebrado como um atrativo para a participação no Movimento, esse acesso se torna fonte de conflito quando se comparam esses espaços com o espaço da comunidade. A participação, ainda que periférica, nos espaços do poder político potencializa o sentimento de desigualdade, é fonte de “indignação”. Assim, os espaços da comunidade e do Movimento entram em choque de duas maneiras: o discurso do protagonismo juvenil que caracteriza o espaço do Movimento sinaliza uma possibilidade de participação e de mudança social cujo potencial não se realiza de fato no espaço da comunidade (há um choque entre ação e estrutura); o acesso a espaços políticos onde se dá a ação do Movimento, caracterizados pela presença de recursos, entra em conflito com o espaço da comunidade, caracterizado pela privação, e isso é fonte de revolta. Observem-se os trechos transcritos a seguir no exemplo (7).

- (7) Amanda: é um corpo doente e o *remédio somos nós*...
Maria: é uma utopia, né velho? Às vezes eu vou embora pensando “caramba, gente, que que eu tô fazendo? Eu sei que eu não vou conseguir, eu sei que isso tudo é”... Eu cheguei a pensar que é uma mentira o que eu faço. (...) Então, pô, que que eu tô fazendo? *Eu vou é desistir de tudo, eu vou é acabar com essa ideologia que eu tenho, vou abrir mão e quero entrar no sistema também, quero ganhar dinheiro*. (...) só que aí, sabe, você é consciente, aí você, pô, você não vai jogar toda uma vida construída fora, né?

Nos dois trechos destacados articula-se o discurso neoliberal, porém de duas formas distintas. No primeiro excerto, naturaliza-se a demissão do Estado, a transferência de parte da responsabilidade do poder público para a sociedade, parte essencial da idéia-força que caracteriza o discurso neoliberal (Bourdieu, 1997). No segundo, Maria identifica o protagonismo juvenil – e então o espaço do Movimento – como sendo “uma utopia”, um sonho

inalcançável de mudança social, “uma mentira”. O conflito é expresso em estruturas interrogativas (“que que eu tô fazendo?”) e em afirmações modalizadas com alta afinidade (“eu sei que eu não vou conseguir”, “é tudo uma mentira”). A jovem mostra uma tensão entre o desejo de mudança social e a força do sistema que a constrange a um projeto de adesão: “eu vou é desistir de tudo, eu vou é acabar com essa ideologia que eu tenho, vou abrir mão e quero ganhar dinheiro”. O trecho denota um choque entre o discurso do protagonismo juvenil e o discurso individualista do capitalismo neoliberal. Nesse conflito pessoal, o discurso do protagonismo se mostra mais forte: a consciência adquirida acerca das desigualdades e dos direitos desrespeitados a impede de desistir de seu sonho, ainda que lhe pareça utópico (“você não vai jogar uma vida construída fora, né?”).

Considerações finais

De acordo com a ADC, a dialética assegura que hegemonias são articulações em relativa permanência. Atores sociais, então, não são apenas pré-posicionados pelas estruturas, são capazes de relativa autonomia na realização de sua ação social, de modo que a ação é estrangida por estruturas mas pode também transformar estruturas, incluídas as identidades e relações sociais. A possibilidade de ação de atores sociais, entretanto, depende de uma série de recursos – materiais e simbólicos – que sustentem sua ação, de modo que uma ação social transformadora de estruturas é tanto mais difícil quanto menos disponíveis são os recursos para a ação.

No caso pesquisado, o MNMMR/ DF constitui um recurso para a construção de identidades de projeto para seus membros, de acordo com a representação do Movimento pelas jovens protagonistas. O discurso do protagonismo juvenil representa a ação das jovens em suas comunidades e resulta em sua identificação como protagonistas. Isso evidencia a dialética entre os três tipos de significado, uma vez que o discurso do protagonismo orienta sua ação e identificação. A carência de recursos materiais disponíveis para a ação do Movimento e das jovens líderes comunitárias, contudo, representa um obstáculo material para sua ação social. Embora construam para si identidades de resistência e projeto, as jovens expressam conflito na materialização de seus projetos de mudança social. O discurso do protagonismo juvenil é internalizado pelas jovens na construção ativa de suas identidades, mas a transformação de relações sociais hegemônicas é um desafio que lhes parece utópico.

A análise do recorte da transcrição do grupo focal sinaliza um conflito entre o desejo de ação social e a possibilidade de realização desse desejo. Há, na matriz discursiva analisada, duas delimitações de espaço-tempo: uma divisão temporal entre o período anterior e o período posterior ao engajamento das jovens com o MNMMR e a identificação de dois ‘espaços’ em oposição, o espaço da comunidade (da miséria e da estrutura) e o espaço do Movimento (da mudança e da ação). A consciência da desigualdade e do desrespeito aos direitos assegurados torna-se fonte de conflito quando se comparam os espaços de ação do Movimento com o espaço da comunidade.

As jovens identificam-se como protagonistas, mas não encontram no espaço do Movimento a sustentação necessária para agir no espaço da comunidade. Isso está de acordo com a contradição entre o discurso do protagonismo juvenil e a possibilidade concreta de ação social. Amanda e Maria identificam-se como representantes em suas comunidades, mas não encontram margem suficiente para sua ação: o Movimento promove a construção de identidades de resistência e projeto, mas não lhes dá suporte para lidarem com isso. Há um choque entre o desejo de agir para a transformação da comunidade e a falta de recursos para tal – a construção de identidades de projeto é frustrada pela dificuldade de realização do projeto de mudança social.

Referências bibliográficas

- BHASKAR, R. *The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, A.C.G. *Protagonismo juvenil*. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998 (mimeo).
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- GHIO, E. & M. D. FERNÁNDEZ. *Manual de Lingüística Sistemico Funcional: el enfoque de M. A. K. Halliday y R. Hasan, aplicaciones a la lengua española*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2005.
- HAMMERSLEY, M. Ethnography and discourse analysis: incompatible or complementary? *Polifonia*. n. 10. Cuiabá: Editora Universitária, 2005. pp. 1-20.
- HARVEY, D. *Justice, nature and the geography of a difference*. London: Blackwell, 1996.
- MNMMR. Organização e formação de meninos e meninas. Disponível na Internet. <http://pages.apis.com.br/mnmmr/port/organiza.html>. 14 fev. 2005.
- MORGAN, D. Focus groups. *Annual Review of Sociology*. v. 22. 1996. pp. 129-52.
- RESENDE, V. M. Etnografia e Análise de Discurso Crítica: métodos complementares. *Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Goiânia: Associação Brasileira de Antropologia; Universidade Católica de Goiânia; Universidade Federal de Goiânia, 2006 [CD-Rom].
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.